

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: UM DESTAQUE PARA AS SALAS DE AULA NA PRESERVAÇÃO CULTURAL

Brenda Lethicia da Silva Lobato¹
Sabrina Gomes de Oliveira²

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo abordar a importância do ensino da Educação Patrimonial como instrumento de preservação e valorização da cultura e suas diversidades. Por esses caminhos, nos atentamos ao espaço do Ver-o-Peso, ao qual foi realizado um mapeamento, mais especificamente no setor das ervas, para compreendermos o quanto se faz importante o estudo e sua disseminação para a comunidade em geral, seja ela estudantes, pesquisadores, ou um simples indivíduo que ali passa diariamente. Além disso, intentamos reforçar o papel da escola como grande interessora nesse processo de (re) educação cultural, uma vez que ela se apresenta como o espaço responsável em edificar saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação patrimonial; Preservação; Patrimônio Imaterial; Erveiras (os).

PATRIMÔNIO: UM CONCEITO DE IDENTIDADE

Para antes de iniciarmos o assunto deste artigo devemos, *a priori*, compreender o termo em questão, faremos então um breve conceito visto que é corriqueiro o total desconhecimento ou a dificuldade em se entender o que está querendo se passar quando usamos termos como patrimônio. Sempre muito associado e reduzido apenas ao aspecto arquitetônico e desprezando o seu sentido amplo que vai desde as manifestações culturais até os conhecimentos de comunidades tradicionais transmitidos de modo contínuo para as próximas gerações, ou seja, patrimônio refere-se a tudo aquilo que é herança de um povo e retém em seu conteúdo a identidade e a história dos mesmos. Podendo se apresentar em suas diversas formas (material ou imaterial).

É válido ressaltar também, como no decorrer do tempo houve uma preocupação em ampliar a definição de patrimônio como medida de adotar as diversas modalidades de tudo aquilo que expressa a cultura, a formação e a importância histórica de um povo. A constituição de 1988, por exemplo, instituiu o Decreto-lei nº 25, datado no dia 30 de novembro de 1937, em que se consta:

Art. 216. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; II - as criações científicas, artísticas e tecnológicas.

¹ Graduanda em Licenciatura em História na Universidade da Amazônia (UNAMA). E-mail: brenda.lethicia96@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em História na Universidade da Amazônia (UNAMA) e bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). E-mail: sabrinagliveira@gmail.com

Anterior a essa alteração, a constituição estabelecia como patrimônio somente aos “bens móveis e imóveis”, ou seja, não se considerava os saberes, as mentalidades, os costumes e hábitos peculiares de cada grupo.

Infere-se dessa mudança no conceito de patrimônio, uma valorização e atenção à diversidade humana, as diversas formas de expressar seus símbolos, valores e sua cultura. Além disso, é importante mencionar que esse reconhecimento em nossa constituição permite um amparo e seguridade na preservação do patrimônio, além de conferir na criação de políticas e projetos que assegurem a diversidade e riqueza das manifestações culturais de cada região.

Se formos passear por toda a extensão brasileira, muitas serão as manifestações culturais consideradas como patrimônio imaterial tendo em vista que as suas importâncias sempre terão o mesmo valor, pois quando se fala em cultura, não existe uma que seja mais importante que a outra, a exemplo, podemos citar o Frevo de Pernambuco, as Matrizes do Samba no Rio de Janeiro, os queijos artesanais de Minas Gerais, o Círio de Nazaré no Pará. Entretanto, partimos de um mapeamento feito em 2014, na Feira do Ver-o-Peso, tendo uma concentração maior no setor das ervas onde procuramos mostrar a maneira com os trabalhos diários são feitos, de que maneira se dão as diversas relações, como familiares e de gênero, mas acima de tudo, procuramos mostrar a preocupação que muitos dos vendedores de ervas têm em relação a tradição começar a se perder no decorrer do tempo, a não preservação de um conhecimento que atravessou gerações e parece que agora está caminhando ao esquecimento.

Antes de tudo, deve-se conhecer um pouco do que é a Feira do Ver-o-Peso para que possamos adentrar nas relações sociais que lá acontecem todos os dias. Partindo de um contexto historiográfico, podemos perceber que o Ver-o-Peso não se constituiu isoladamente da cidade de Belém. Sua criação esteve diretamente ligada ao desenvolvimento da cidade. Fundada em 1616, as margens da Baía do Guajará onde se estabelecia um ponto de chegada e saída de muitos barcos e navios, logo o ponto passou a ter objetivos fiscais sendo chamado de Haver-o-Peso, pois tudo era fiscalizado por uma balança que media e pesava as transações comerciais, com o passar dos anos, o nome sofreu mudanças e se preservou como conhecemos hoje (REVISTA CIDADES DO BRASIL, 2000).

Tombado como patrimônio histórico pelo IPHAN, o Ver-o-Peso integra o complexo Feliz Lusitânia que é um conjunto de outras construções que também tem o mesmo valor estimado. Ao todo, o complexo é formado pelo Forte do Castelo, a Catedral da Sé, Casa das 11 Janelas, e o Museu de Arte Sacra. Além de ter seus próprios setores internos como o

Mercado Municipal de Carne, ou o famoso Mercado de Ferro ou de Peixe, suas inconfundíveis torres que passaram por uma última reforma em 2001 e tiveram ainda mais sua beleza destacada. Mesmo agora tendo várias construções se encontrando em sua grande parte deteriorada, elas ainda preservam a beleza que tiveram há alguns anos.

O Ver-o-Peso a primeira vista, junta uma mistura de cores, cheiros, sabores e objetos, uma história altamente folclórica que vem sendo repassada de geração a geração. É um espaço muito maior do que o destinado à venda e compra de produtos, um encontro de culturas que se divide em variadas partes. Durante o mapeamento, tivemos a oportunidade em parar para ouvir o que se passava ao nosso redor, são tantas histórias, experiências de vida, pessoas que chegaram de outros lugares e aqui se estabeleceram, outras que voltaram mesmo depois de formadas e com capacitação para o mercado de trabalho. Um lugar onde se encontram sorrisos e lágrimas, o vendedor que cuida do freguês como se fosse um amigo de longa data, o outro que troca apenas as palavras necessárias para as compras, barracas que são enfeitadas estrategicamente, outras que são aconchegantes como uma segunda casa, e aquelas que são apenas um ponto comercial. Sem dúvida, o Ver-o-Peso se tornou um exemplo importante quando falamos de patrimônio imaterial, porém mesmo com toda sua riqueza de saberes, ele passa por vários problemas e um dos mais preocupantes é a falta de zelo para com sua história, a maneira como os ensinamentos estão se perdendo, e que se nada for feito, logo poderão cair no ponto mais vago de nossas memórias.

PATRIMÔNIO E SUA IMPORTÂNCIA DE ENSINO: CONSTRUÇÃO DE QUEM SOMOS

Depois dessa rápida “viagem” pelo o que é o Ver-o-Peso, vamos nos concentrar em alguns pontos principais que são os objetivos desse trabalho: A Educação Patrimonial. Como trabalhamos o seu conceito dentro do Ver-o-Peso, cuja importância da Educação Patrimonial não se restringe ao público infanto-juvenil, mas sim para a comunidade em geral, e por fim, como colocar em prática atividades que possam reavivar nossa memória acerca de nossos patrimônios históricos, tanto dentro do meio escolar, mas principalmente ao mundo que se encontra externo a ele.

Definir um conceito único para o que é patrimônio é difícil e sua tentativa o torna limitado, visto que ele faz parte de um conjunto amplo de ideias e exemplos do que pode vir a ser o seu significado, mas em síntese, usamos o conceito de valorização de uma identidade, como é muito bem falado pela historiadora Maria de Lourdes Perreiras Horta (1999):

A Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. (HORTA et al., 1999, p. 6).

Ou seja, para que tenhamos um conhecimento a fundo sobre as origens e os motivos dos costumes diários desse indivíduo, é necessário que se faça presente o ensino a respeito da Educação Patrimonial, pois todas suas extensões de significados ultrapassam a História que existe por trás de uma cultura, é o reconhecimento de uma identidade, descobrir o porquê sou, quem sou e como sou. A valorização de um povo como uma unidade e como se fazer para preservar todo esse conhecimento que, infelizmente, poderá se perder ao longo dos anos por não está sendo facultado o devido valor e respeito à memória patrimonial.

Como dito anteriormente, a constituição de 1988 trouxe mudanças de caráter significativo para o país, entre eles está a preservação e ampliação do que era o conceito de patrimônio histórico. Agora, não se restringe apenas o marcos materiais, mas sim os costumes imateriais que estavam, da mesma maneira, tão presentes no dia a dia dos indivíduos.

Partindo dessa ideia, a Educação Patrimonial tem como objetivo um processo que leva a reflexão a respeito do que são os bens culturais dos povos. Garantindo, assim, uma postura mais crítica em relação ao trabalho educativo e o que se deve desenvolver nesse campo para que haja uma preservação da memória nacional, pois um povo não se constitui sem a memória e esse sempre foi um dos papéis principais da História, reavivar a memória histórica da nação.

Já que uma nação que possui uma memória histórica tênue não consegue depreender sua cultura hoje, logo, estará fadado a se tornar um estranho e não se reconhecer no seu próprio seio cultural. Em consequência, aquilo que não é conhecido, não é reservado uma devida importância. Jacques Le Goff em seu livro *História e Memória* (2003) sintetiza muito bem a importância da memória para um povo:

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em via de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p 741.)

Em síntese, a memória de um povo é algo de extrema importância dentro das diversas sociedades. Ela é o ponto chave para o desenvolvimento coletivo que aparece quando se conhece o passado, e o valor que os costumes culturais possuem. É apenas através do

exercício da reafirmação da memória que se é possível a libertação dos homens, e assim, impedindo que uma nação e sua cultura se percam no esquecimento. Pierre Nora ainda reafirma: “Não se celebra mais a nação, mas se estudam suas celebrações” (NORA, 1993, p. 14).

ERVAS E A MEMÓRIA: DOS AROMAS À PRESERVAÇÃO

Tendo feita essa pequena passagem pelo que se entende a respeito do que é Educação Patrimonial, podemos voltar ao mapeamento feito no Ver-o-Peso, mais necessariamente no setor das ervas. Tivemos a oportunidade de conversar com alguns dos diversos vendedores de ali estão todos os dias, e a conclusão chegada foi que toda essa teoria acerca de educação e preservação do patrimônio se encaixa perfeitamente na situação em que eles se encontravam no momento, mas antes compete a nós um breve resumo para explicar o que é o setor das ervas do Ver-o-Peso.

Entre os vários setores que existem no Ver-o-Peso, uns dos mais destacados é o setor das ervas. Pessoas vêm de todos os lugares do país e do mundo para conhecer o poder dos banhos e remédios. Alguns são recebidos com um humor e uma simpatia muito peculiar. Passeando por entre os setores de vendas, se via o entusiasmo diferenciado que existe no departamento das ervas, uma vendedora entusiasmada chamava o turista que passava: “Venha meu lindo”, “Vamos amor, não vai comprar nada?” “Chegue mais querido”. Os vendedores têm o seu jeito único de conversar com os clientes, os envolvendo com a história que existe por trás de cada um dos banhos e remédios oferecidos. Para as erveiras/erveiros existe remédio para tudo, basta mostrar o seu “problema” que eles lhe dão a solução, eles confiam firmemente no que oferecem, acreditam na veracidade de cada um dos seus produtos, mostram casos que deram certo, pessoas que se curaram de certas doenças, eles confiam no que falam, passam a segurança ao cliente, e alguns dos que compram, afirmam que realmente funciona.

Quando não se está acostumado a frequentar o complexo Ver-o-Peso, tem-se uma determinada visão sobre o local, porém ela se modifica após o momento em que você adentra o espaço e relaciona-se através da compra e venda de produtos e mantém um diálogo com o público ali presente. É através dessa relação entre vendedor e cliente que muitas vezes aquele simples olhar externo e dedutivo passa a ser desconstruído. Para quem nunca o visitou, certamente tem a ideia de que naquele setor a relação entre as pessoas que dividem aquele espaço gira em torno somente de amizade, mas quando se tem uma proximidade através de

diálogos com pessoas que fazem parte do setor das ervas, acaba-se descobrindo que existe ali um complexo familiar, irmão (a), primo (a), tia (o), cunhado (a) dividindo o mesmo espaço de trabalho. As relações entre eles por vezes é amistosa, por vezes litigiosa, a competição de venda entre eles se constitui normalmente, mas em algumas ocasiões ocorrem algumas desavenças. Citamos um episódio que ocorreu durante as entrevistas. Em uma barraca ao lado da qual nós estávamos, um casal começou a discutir. Seu João, que era o nosso entrevistado e vendedor há muitos anos no setor das ervas, disse que eram dois irmãos que brigavam por uma dívida que não fora paga.

Essas informações foram repassadas graças ao diálogo com o seu João, que recebeu de sua mãe, em setembro de 1986, uma barraca para trabalhar no setor das ervas e até hoje está desenvolvendo esta atividade. Ele afirmou que as relações de parentescos são muito comuns principalmente no setor das ervas, as barracas passam de geração para geração. O senhor João revelou também que consegue manter o sustento da sua família com a barraca que possui e não demonstra vontade de sair de lá, para ele, além de ser sua fonte de renda, é também um orgulho repassar os conhecimentos tradicionais.

Os “famosos” banhos de cheiro do Ver-o-Peso já estão presentes há muito tempo inclusive na literatura, no livro "Banho de cheiro" da autora Eneida de Moraes (1988) em que ela ressalta o "banho da felicidade" que acontecia á meia-noite do dia 23 de junho, véspera de São João, a autora fala dos anúncios dos vendedores de ervas, que vinham cheio de promessas para os corações das jovens caboclas paraenses: “Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, folhas, pedacinhos de madeira passavam de suas mãos ás da compradora. Ninguém queria perder o direito á felicidade: ricos e pobres.” (Moraes, 1988, p. 1988).

Eneida de Moraes fala sobre os banhos que não eram só restritos pelas camadas populares, mas a tradição também era forte entre a elite da cidade, era um conhecimento que predominava em todas as classes sociais, não havia distinção. O “banho da felicidade” uma tradição importante dentro da população paraense, tinha a capacidade de atrair energias positivas, bons fluidos, felicidade e amor à pessoa que o tomasse, por essa razão eram muito importantes e comuns a sua busca, além de ser compartilhado com as diversas classes paraenses.

Como se pode observar, o setor das ervas do Ver-o-Peso não dispensa carga cultural e que muitas vezes fica esquecida por uma boa parte da população. Atualmente as pessoas passaram a ter outros interesses, pensar outras possibilidades e por consequência os conhecimentos tradicionais sobre a identidade cultural, ficaram em segundo plano. Seu João,

um dos vendedores de ervas e que concordou participar de uma pequena entrevista sobre seu processo de aprendizagem e os banhos, nos relata:

O conhecimento que eu tenho eu aprendi com a minha mãe já que ela trabalha aqui há mais de 40 anos sem contar os cursos de qualificação feitos em parcerias com os órgãos públicos e outros órgãos também que fazem parte do meio ambiente só eu já fiz 14 cursos e graças a Deus em todos eu tive um ótimo desempenho.

Ele relata como iniciou nos seus conhecimentos tradicionais sobre o ramo das ervas, mesmo com todos os cursos, ele ainda trouxe como herança um conhecimento de sua mãe que lhe deu a barraca como um presente, o orgulho que ele mostra é enorme, pois segundo o próprio, é um conhecimento que não tem preço. Entretanto, quando perguntamos a respeito dessa tradição ser passada aos seus filhos, Seu João responde:

eu tento explicar algumas coisas para a minha filha, ela não demonstra interesse algum, já o meu filho apesar de ter só 11 anos a mãe dele incentiva bastante, tipo ela fala 'poxa meu filho é de lá que seu pai ganha o pão de cada dia, e de lá que teu pai aquilo outro e tal.

O medo que existe é a perda dessa tradição, tudo aquilo que foi acumulado durante anos seja perdido ou vendido, como aconteceu com uma famosa indústria de cosméticos há algum tempo, ela precisou reconhecer a feira do Ver-O-Peso e os erveiros como os provedores dos conhecimentos tradicionais sobre os banhos de cheiro, pois estavam usando das essências para a produção de uma famosa linha de produtos sem informar que todo o conhecimento era oriundo desses trabalhadores, hoje isso é um assunto que não se comenta, Seu João preferiu não explanar a respeito e o desviou de maneira inteligente, atraindo a atenção para algum outro produto.

EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO: A CELEBRAÇÃO DOS SABERES

O ponto principal de nosso mapeamento feito no setor das ervas do Ver-o-Peso foi sem dúvida essa ideia de que as tradições estão cada vez mais se desmanchando na memória popular. Não apenas entre os filhos daqueles que trabalham e vivem a maior parte de seu tempo no Ver-o-Peso, como o seu João. Mas também na população que convive ao redor, aquele que ali consome. Estão todos integrados a uma cultura.

Mas por uma falta de exploração nesse assunto tendemos progressivamente a perder essa memória. E isso se deve, principalmente, ao fato do assunto não ter seu espaço nas escolas. Ainda precisamos de seu real e concreto estabelecimento no ensino. Agora, não restringimos necessariamente do Ver-o-Peso, mas sim dos diversos patrimônios que estão

espalhados pelo Brasil, ainda vemos mais visibilidade nas imponentes construções que foram tombadas, porém o mesmo reconhecimento não se é mostrado a respeito do imaterial que cerca toda a memória dos diversos povos que aqui vivem, e que oferece sentido a essas mesmas estruturas arquitetônicas, é uma relação mútua em que uma não deve ser sobreposta a outra.

Por esses motivos, um dos desafios que rodeiam a educação é como abordar certos assuntos não familiarizados entre os alunos. A educação patrimonial é parte integrante desse desafio, visto que ainda é imatura as suas abordagens no ambiente escolar, além de ser muito comum o não conhecimento ou a busca dele entre os jovens da educação básica de ensino. Deve-se ter em mente que se há um intento em se resguardar memórias, objetos, valores culturais, etc. O primeiro passo, então, deve principiar em salas de aula, visto que a escola é o espaço onde se constroem conhecimentos, além de ter papel de consolidar no aluno uma consciência de relevância para determinado assunto.

Talvez, umas das causas dessa pouca importância entre a comunidade em geral, se dá pelo fato de não possuírem desde sua formação inicial, estudos direcionados para essas abordagens que remetem ao conhecimento do patrimônio. A essa importância especial em disseminar o estudo sobre patrimônio cultural nas escolas, temos no artigo 27, da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972, que diz:

ARTIGO 27 1. Os Estados-partes da presente Convenção esforçar-se-ão por todos os meios apropriados, especialmente por intermédio dos programas de **educação** e de **informação**, em intensificar o respeito e o apreço de seu povo pelo patrimônio cultural e natural definido nos artigos 1 e 2 da Convenção[...].

A carência do estudo implica na formação de um indivíduo e no conjunto da sociedade, um vácuo em sua essência, pois a pouca intimidade com o passado nos torna seres incógnitos, já que é através dele que temos a habilidade de se reconhecer no presente enquanto sujeitos históricos, além de compreender tudo aquilo que nos rege dentro de uma sociedade em seus valores morais, culturais, religiosos.

Por isso, é importante consolidar o estudo patrimonial nas escolas através de ações internas mais definidas, por meio de projetos pedagógicos concentrados nesses assuntos, planejamentos de aulas que inserem o estudo com mais afinco, além de atividades que remetem as discussões sobre a importância do patrimônio, para se tornarem cada vez mais intrínseco no cotidiano escolar.

Não queremos apenas a mera menção de notáveis monumentos, museus, e datas de construções, mas sim que o aluno possa enraizar internamente uma ciência de que os seus costumes, a cultura em que ele é integrado reflete no seu modo de vida, no meio ambiente em que ele se relaciona. Tudo aquilo que circunda esse sujeito em constante formação tem relação com sua história, logo, deve-se então preservá-la, do contrário, estaremos formando futuras gerações negligentes, não somente com a memória, mas a uma identidade coletiva, a sua “cosmologia” cultural.

Sobre isso, devemos, então, dar um papel de destaque imprescindível sobre o professor. Ele que irá ser o responsável por disseminar o ensino da educação patrimonial, além de outros assuntos que estão intimamente conectados. O professor será o mediador entre esses jovens e o conhecimento sobre a educação patrimonial, portanto, deve-se inserir um melhor preparo entre esses profissionais, para que o estudo não se reserve apenas a conceitos superficiais sobre patrimônio, mas que englobe toda a pluralidade do assunto, ao qual excede a noção exclusiva de patrimônio atrelado apenas a estruturas arquitetônicas, ao contrário disso, ela se apresenta na vida cotidiana de cada indivíduo, no seu trabalho, nas suas expressões locais, são essas moléculas sociais e culturais que não devem ser desprezadas.

O professor tem que transferir ao educando que patrimônio não retém e reproduz, somente e exclusivamente, grandes atos e revoluções notórias, mas dela também se externa a vida de seu aluno e de seu meio, e de todos nós, sujeitos históricos. O que torna a prática interessante, pois isso fomenta no próprio aluno uma postura em se projetar e se sentir pertencido a uma cultura, e por consequência, este estará mais envolvido e interessado em cuidar de seu patrimônio, já que ele está conseguindo se visualizar naquilo. Sobre isso, enfatizamos mais uma vez a indispensável presença do professor e seus atributos nessa prática, como muito bem destaca Jarek (2007):

Por esta razão, é essencial, enquanto professores de História, assegurar uma prática educativa que colabore para uma educação transformadora, formando alunos capazes de (re) conhecer sua própria história cultural, percebendo suas contradições e conflitos. Essa leitura possibilitará o desenvolvimento de uma consciência histórica que os levará à apropriação e ao melhor usufruto de seu patrimônio, dando verdadeiro significado à palavra cidadão, como aquele ser que possui a condição de intervir em sua realidade. (JAREK, 2007, p. 189).

O IPHAN, que vem sendo o órgão responsável pela preservação dos patrimônios culturais, trabalha com leis e projetos que facilitem a favoreçam a preservação ou resgate da nossa identidade cultural. Esse órgão acredita que são pelas práticas educativas nas escolas que permitirá, finalmente, se concretizar o que há muito existe no projeto. Por esses motivos,

o IPHAN vem preparando em detalhes um Guia Básico de Educação Patrimonial que possui propostas para o desenvolvimento de diversas práticas que podem contribuir para o desenvolvimento patrimonial histórico.

Várias dessas propostas têm como uma metodologia interdisciplinar, sendo abordada de maneira transversal dentro das escolas de rede pública e privada. Diversas são as maneiras de se trabalhar a educação patrimonial dentro das escolas, algumas delas são visitas em museus e arquivos públicos, trabalhar a leitura de pequenas fontes dentro de sala de aula e assim levantar vários debates sobre as interpretações que as mesmas podem gerar.

Entretanto, uma das principais atividades pode ser a pesquisa de campo, que é o método em que permite um conhecimento mais próximo sobre a prática de tudo que se reserva no campo teórico, além de ser um processo de contato com a própria cultura. Mas agora um contato cômico, não mais aquele olhar despercebido. Pois ao entrar em contato com a realidade de nosso próprio meio, conseguimos enxergá-la com um olhar mais respeitoso e reconhecendo que aquilo que visualizamos diariamente, seja num breve passeio pela cidade, é o representativo de nossas próprias ações e valores culturais.

Assim, é possível inclusive desconstruir alguns julgamentos que cerceia determinada prática cultural, além de incutir no indivíduo a tolerância e o abraçar das diversidades e riquezas que sua própria localidade manifesta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida no complexo do Ver-O-Peso, mas especificamente no setor das ervas, foi uma experiência singular para todos os membros que tiveram presentes, ela mostrou um rosto que muitos de nós desconhecíamos a respeito de uma área tão tradicional e que muitas vezes é mais bem vista por pessoas externas. Entendemos como funciona a questão da passagem de conhecimento, é uma tradição que está muito longe de parecer ser diluída, mesmo com a preocupação de alguns erveiros com o fato de seus filhos não se interessarem pelo mesmo ramo, a crença de cada um naquele local para com os produtos, eles não só estão vendendo, eles acreditam fielmente no que oferecem, confiam no que falam e dão garantias de que aquilo realmente vai funcionar.

O Ver-O-Peso é muito mais que um local de trabalho, tanto para os erveiros como para os outros setores, aquela é a segunda casa de cada um, e eles fazem todo o possível para que ela seja vista como tal, tanto na organização das barracas, como na maneira como eles encaram cada dia naquele local, alguns tem o prazer de trabalhar todos os dias, sentem falta

quando não vão, e mesmo que o retorno financeiro possa ser melhor trabalhando em outro lugar, eles escolhem ficar na feira, por que o Ver-O-Peso já faz parte deles.

Por todas essas representações culturais e tudo que se foi falado acerca da Educação Patrimonial, deve-se começar a pensar mais criticamente no que compete a preservação de uma História, uma memória nacional, pois toda nação, todos os povos precisam ter sua identidade preservada para que não se percam no tempo e nos seus costumes, entender a nossa cultura e o que cada símbolo representa é fundamental para a construção mais cidadã de uma sociedade crítica e rica em desenvolvimento.

Um povo que permite sua cultura se dissipar facilmente pode se aprisionar a ideias e conceitos distorcidos de seu próprio passado, porém aqueles que mantêm suas origens vivas, por consequência estão livres e abertos em agregar novo saberes que a humanidade apresenta. A feira do Ver-O-Peso sem dúvida é uma representação interessante disso, trazendo consigo anos e anos de cultura e diversidade. Ela é muito mais do que construções monumental, são as pessoas que fazem a feira, elas que constroem a cada dia um dos mais importantes patrimônios históricos culturais do Pará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BRASIL. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

BRASIL. Presidência da República. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CONFERENCIA GERAL da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001333/133369por.pdf> . Acesso em: 13 de Março. 2016.

CHAHIN, Samira B. FERNANDES, Gabriel. de A. **Formação de professores em educação patrimonial: conteúdos, metodologia, práticas.** Relato de uma experiência em andamento. Disponível em: www.revistas.usp.br/cpc/article/viewFile/68640/71218. Acesso: 13 de Março. 2016.

Erveiras do Ver-O-Peso são patrimônio paraense. Diário do Pará, 2009. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/>. Acesso em: 15 nov. 2014.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 471.

.Mercado Ver-O-Peso. Revista Cidades do Brasil. 2000. Disponível em: cidadesdobrasil.com.br/. Acesso em: 15 nov. 2014.

MORAES, Allana Pessanha de. **Educação Patrimonial nas escolas aprendendo a resgatar o patrimônio cultural**. Disponível em: www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf. Acesso em: 12 de Março. 2016.

MORAES, Eneida de. **Aruanda e Banho de Cheiro**. Belém: Secult / FCPTN, 1989, p. 198.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da PUC-SP, n. 10, São Paulo, dez. 1993.

OLIVEIRA, Almir Felix B. **A Educação Patrimonial Como Componente Curricular na Formação do Profissional de História**. Disponível em: geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/191/anais/gt7.pdf. Acesso: 13 de Março de 2016.

SANTOS, Marluce A. **As possibilidades de inclusão do patrimônio cultural no currículo escolar**. Disponível em: pe.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/07-mem-arq-patrimonio/Artigo%20de%20Marluce%20Alves.pdf. Acesso: 13 de Março.2016.